

Traduzido da edição em cinco volumes — *Sobrânie Khudójevstvennikh Proizviedênii v Piatí Tomákh* — da Editora da Academia de Ciências da URSS, Moscou, 1960.

Copyright © 1990 by Editora Civilização Brasileira S/A.

Desenho de capa: Tobias da Costa Jr., utilizando retrato do autor que se encontra no Museu Tretiakov, em Moscou.

ISBN: 85-200-0054-1

1990

Direitos de edição deste texto em língua portuguesa reservados por EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Rua Benjamim Constant, 142

20241 — Rio de Janeiro, RJ — Tel.: (021) 221-1132

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Diário de um louco

Outubro, 3

Hoje aconteceu um incidente fora do comum. Levantei-me bastante tarde e, quando Maura me trouxe as botas escovadas, perguntei as horas. Ouvindo que há muito passava das dez, tratei de me vestir o mais depressa possível. Confesso que não iria de jeito nenhum ao departamento se soubesse de antemão a cara azeda que o nosso chefe de seção ia fazer. Há muito tempo ele vem me dizendo:

— O que é que você tem, meu amigo, sua cabeça era uma eterna barafunda. Ora parece ter um faniquito de tão agitado, ora mistura as coisas de tal modo que nem satanás entende, escreve títulos com minúsculas, não põe data nem número.

Garça maldita! O que ele tem mesmo é inveja de mim porque eu fico no gabinete do diretor limpando as penas para Sua Ex.^a.

De sorte que eu não iria ao departamento se não alimentasse a esperança de ver o tesoureiro e, arriscando um olho, pedir a esse judeu um valezinho por conta do meus vencimentos. Esse judeu é pecinha rara! Para ele soltar algum dinheiro com um mês adiantado é um verdadeiro deus-nos-acuda, é mais fácil chegar o dia do juízo. Pode pedir, pode se arreben-tar, pode esticar que esse diabo grisalho não dá um tostão. Mas em casa até a cozinheira lhe bate na cara. Todo mundo sabe disso.

Não vejo vantagem em servir no departamento. Não há qualquer espécie de recurso. Mas, na administração provincial, nos palácios civis e na casa da moeda, a coisa é bem diferente: você olha lá para um canto e vê um cara estranho escrevendo. Um fraque bem ruinzinho, um focinho desses que dão até engulho, mas em compensação que casa de campo! Que ninguém se meta a lhe servir em xícara de porcelana dourada: “Isso é presente de doutor” — costuma dizer. O que quer mesmo é um par de trotões, ou um coche leve, ou uma pele de castor de uns trezentos rublos. É de aparência tão suave, fala com tanta delicadeza: “Empreste a tesourinha para consertar uma peninha”, e faz tal limpeza que deixa o requerente de tanga. Mas em contrapartida a nossa repartição é nobre, em todos os cantos há uma limpeza que a administração provincial nunca chegaria a ver: mesas de mogno e todos os chefes tratados por Senhor. E reconheço mesmo: não fosse a nobreza do serviço, eu já teria deixado o departamento há muito tempo.

Vesti meu velho capote e apanhei o guarda-chuva, porque chovia torrencialmente. Não havia ninguém na rua; apenas mulheres enfiadas em suas imensas saias, comerciantes russos sob guarda-chuvas e cocheiros passavam diante dos meus olhos. De gente nobre, só um nosso irmão funcionário passava errante. Eu o vi num cruzamento de ruas. Assim que o vi disse cá com meus botões: “Ah, não, meu caro, não é para o departamento que estás indo com essa pressa! Estás é seguindo aquela que vai ali na frente e olhando para as perninhas dela.” Que insolente é o nosso irmão funcionário! Palavra de honra que não perde para nenhum oficial: não pode ver rabode-saia que vai logo cercando. Estava ainda com esse pensamento na cabeça quando vi uma carruagem se aproximar da loja em frente de onde eu passava. Reconheci-a imediatamente: era a carruagem do nosso diretor. Mas ele não precisava ir à loja, e pensei: “Na certa é a filha dele.” Encostei-me na parede. O criado abriu a porta, e ela saiu da carruagem voando como um pássaro. Como olhou à direita e à esquerda, como cintilaram os olhos e os cílios... Ah, meu Deus! Estou perdido, inteiramente perdido. E para que ela acha de sair num tempo tão chuvoso! Agora me digam se as mulheres não sentem enorme paixão por todos esses trapos... Ela não me reconhe-

ceu; aliás eu mesmo tive o propósito de ocultar-me ao máximo porque estava com um capote cheio de manchas e além disso fora de moda. A moda de hoje é casaco de golas longas e eu estava com um curto e de gola curta; além do mais, o tecido não era nada apropriado.

A cadelinha dela não alcançou a porta a tempo e ficou na rua. Eu conheço essa cadelinha: chama-se Medji.

Eu mal havia passado um minuto ali quando de repente ouvi uma vozinha fina:

— Olá, Medji!

Eh-eh! De quem será essa voz? Olhei ao redor e vi duas mulheres que passavam debaixo de um guarda-chuva: uma velha, a outra bem mocinha. Mas elas já haviam passado e no entanto tornei a ouvir ao meu lado:

— Estás em falta, Medji!

Que diabo é isso! Vi Medji se cheirando com uma cachorrinha que vinha atrás das mulheres. “Puxa — disse eu cá comigo —, será que estou bêbado? Mas parece que isso me acontece muito raramente.”

— Não, Fidel, é em vão que assim pensas — e vi com meus próprios olhos Medji pronunciando essas palavras —, eu estive au! au! Eu estive au, au, au! muito doente.

Puxa, que cadela! Confesso que fiquei muito surpreso ao vê-la falando como uma pessoa. Mas, depois que pensei bem tudo isso, não me surpreendi mais. Em realidade, muitas coisas semelhantes já aconteceram. Dizem que na Inglaterra um peixe emergiu e pronunciou duas palavras numa língua tão estranha que há três anos os sábios vêm procurando defini-la sem qualquer sucesso. Li ainda nos jornais que duas vacas foram ao mercado e pediram uma libra de chá. Mas reconheço que fiquei bem mais surpreso quando Medji disse:

— Eu te escrevi, Fidel, mas a verdade é que Polkan não entregou a minha carta!

Macacos me mordam! Nunca ouvi falar que cachorro escrevesse. Escrever corretamente é coisa que só um nobre sabe fazer. É bem verdade que alguns, os empregados dos escritórios comerciais e inclusive servos, escrevem às vezes; mas a escrita deles é quase mecânica: nada de vírgula, pontos ou estilo.

Isso me deixou surpreso. Confesso que há algum tempo

venho ouvindo e vendo coisas que ninguém jamais viu nem ouviu. “Vou sair atrás dessa cadelinha para saber quem é e que coisa pensa” — disse cá comigo. Abri meu guarda-chuva e saí atrás das duas damas. Passamos para a Rua Garókhovaia, viramos para a Meshânskaia, de onde tomamos o rumo da Stoliárnaia e finalmente da ponte Kokúchkin e paramos diante de um grande prédio. “Esse prédio eu conheço — disse comigo mesmo. — É a casa de Zvierkov.” Que máquina! Quanta gente vive nela: quantas cozinheiras, quantos poloneses! E os nossos irmãos funcionários vivem como cães, uns em cima dos outros. Aí mora também um amigo meu, um bom trombeiteiro. As mulheres foram para o quinto andar. “Está bem — pensei —, agora não vou lá mas anoto o lugar e a primeira oportunidade que tiver aproveitarei.”

Outubro, 4

Hoje é quarta-feira e por isso estive no gabinete do nosso chefe. Cheguei propositadamente mais cedo, e mãos à obra: consertei todas as penas. O nosso diretor deve ser uma pessoa muito inteligente: todo o seu gabinete está cheio de armários com livros. Li os títulos de alguns: erudição total, uma erudição que deixa o nosso irmão funcionário nas nuvens. Tudo escrito em francês ou alemão. A gente olha para o rosto dele: fu, que imponência lhe brota do olhar! Nunca o ouvi pronunciar uma palavra supérflua. Só quando a gente lhe entrega algo para assinar é que ele pergunta:

— Como está lá fora?

— Úmido, Excelência!

Eh, não é páreo para o nosso irmão! Um homem de Estado. Mas percebo que ele tem preferência especial por mim. Ah se a filha também... eta canalhada!... Mas não tem nada não, nada não, calar!

Li o Ptchólka¹. Eta gatinha boba esses franceses! O que

¹ Jornal *Sjévernaia Ptchélá*, muito difundido na época.

será que querem? Juro que pegaria todos eles e daria uma surra de chicote! Lá mesmo li uma interessante descrição de um baile, feita por um fazendeiro de Kursk. Os fazendeiros de Kursk escrevem bem. Depois dessa leitura percebi que já eram doze e meia e o nosso chefe ainda não deixara o leito. Porém a uma e meia mais ou menos deu-se uma ocorrência que nenhuma pena é capaz de descrever. A porta se abriu e eu, pensando que fosse o diretor, saltei da cadeira com os papéis: mas era ela, ela mesma! Santo Deus, que maneira de vestir! Trajava um vestido branco, como um cisne: puxa, e que suntuosidade! E que olhar! Uma estrela, uma estrela de verdade! Fez reverência e perguntou:

— Papai não esteve aqui?

Ah, que voz! Uma canarinha, uma verdadeira canarinha! “Majestade, se quereis me executar fazei-o com vossa mão onipotente” — quis eu dizer. Mas o diabo da língua não se mexeu e eu disse apenas:

— Não, senhora.

Ela olhou para mim, para os livros e deixou cair o lenço. Eu me precipitei e escorreguei no maldito do piso e por pouco não quebrei o nariz, mas consegui me equilibrar e apanhei o lenço. Santo Deus, que lenço! De cambráia fina, muito delicado — um perfume, um verdadeiro perfume! tanta magnificência exalava. Ela agradeceu e sorriu levemente, de modo que seus lábios doces quase não se moveram, e depois saiu. Eu ainda permaneci uma hora, até que de repente apareceu um criado e disse:

— Vá para casa, Akcênti Ivânovitch, o senhor já saiu.

Não suporto a criadagem: estão sempre reclinados na sala de frente e não se dão ao trabalho de mover nem a cabeça. Isso ainda não é nada: uma vez uma dessas bestas teve a ousadia de me receber sentada e com fumaça de cigarro. Será que você, lacaio besta, sabe que eu sou um funcionário, que eu sou de origem nobre? Mesmo assim apanhei o chapéu e vesti eu mesmo o capote porque esses senhores nunca me atendem, e saí. Em casa, passei a maior parte do tempo deitado na cama. Depois copiei uns versinhos muito bons:

*Uma horinha sem meu bem eu ver
Foi como se há um ano não a visse
Odiando a minha vida eu disse
Não sei se posso viver²*

Devem ser de Púchkin. À noite, envolvi-me no capote, saí e fui para a entrada da casa de Sua Majestade. Esperei muito tempo na esperança de vê-la sair para tomar a carruagem e assim fitá-la mais uma vezinha — porém tudo inútil, ela não saiu.

Novembro, 6

O chefe da seção estava furioso. Quando cheguei ao departamento ele me chamou ao seu gabinete e começou:

— Diga-me uma coisa, o que é que você anda fazendo?

— Como assim? Eu não ando fazendo nada.

— Ora, vamos, reflita melhor! Você já passa dos quarenta anos e está na hora de usar a cabeça. O que é que você imagina que é? Pensa que não estou a par de todas as suas picardias? Que anda atrás da filha do diretor? Ora, procure se enxergar, conheça o seu lugar! Não está vendo que não é nada, que é mera insignificância! Que não tem onde cair morto! Olhe-se pelo menos no espelho. Com que cara você pode pensar em tal coisa?

Diabos, ele tem a cara de pote de farmácia; um topete de cabelos engraxados à brilhantina mantém a fronte erguida e pensa que é o único que pode fazer o que quer. Entendo, entendo perfeitamente porque ele fica tão furioso comigo: é inveja. Na certa já notou as manifestações de benevolência dedicadas especialmente a mim. Pois bem, estou escarrando para ele! Grande coisa conselheiro provincial! Bota corrente de ouro no relógio, encomenda botinas de trinta rublos... que vá para o inferno! Eu por acaso sou filho de algum

² Popróshin atribui a Púchkin versos de N. P. Nikoliov, poeta do século VIII.

*raznotchíniets*³, alfaiate ou suboficial? Eu sou um nobre. Então, eu também posso subir de posto. Ainda tenho quarenta e dois anos — essa é a idade em que o serviço de verdade apenas começa. Espere um pouco, meu caro! Eu também chegarei a *coronel* e, se Deus quiser, até a mais. Eu também ganharei reputação e talvez melhor do que a sua. Pensa que além de você não há mais ninguém importante? Deixe eu fazer um fraque no Rutchov⁴, deixa eu arranjar uma gravata com um laço igual ao da sua... você não vai chegar o nariz onde eu chego os pés. Mas não tenho recursos — eis o mal.

Novembro, 8

Fui ao teatro. Assisti ao Filatka⁵, o bobo russo. Ri bastante. Apresentaram ainda um *vaudeville* com estrofes divertidas. Satirizavam funcionários, especialmente um escrevente público. O estilo era tão livre que não sei como a censura deixou passar. Falavam dos comerciantes, dizendo francamente que eles enganam o povo, seus filhos provocam escândalos e fazem qualquer negócio para obter um título de nobre. Tinha ainda uma quadra muito engraçada sobre os jornalistas: dizia que eles gostam de blasfemar contra tudo e que o autor pedia a proteção do público. São muito engraçadas as letras dos compositores de hoje. Gosto de teatro. Basta juntar alguns trocados para não resistir à tentação. Mas, no nosso meio funcionário, ainda há suínos desse tipo: o mujique não vai de jeito nenhum ao teatro; só se lhe derem de graça a entrada. Uma atriz cantou muito bem. Lembrei-me dela... etá canalhada!... não há de ser nada, nada... silêncio.

³ Intelectual não pertencente à nobreza russa. O termo surgiu em decorrência de certa diferenciação verificada em fins do século XVIII e começo do XIX no seio da intelectualidade nobre, com o surgimento de uma camada de letrados mais próxima do povo (N. do T.).

⁴ Rutchov, alfaiate que naqueles anos estava em grande moda.

⁵ Peça de P.I. Grigóriev, que apresenta um quadro da vida popular russa.

Novembro, 9

Às oito horas saí para o departamento. O chefe da seção fez uma cara de quem parecia não notar a minha chegada. Por sua vez, eu também me comportei como se nada tivesse acontecido entre nós. Revi e conferi os papéis. Saí às quatro horas. Passei ao lado da casa do diretor mas não vi ninguém. Depois do almoço estive a maior parte do tempo estirado na cama.

Novembro, 11

Hoje estive no gabinete do nosso diretor, consertei vinte e três penas para ele e para... ah! para ela, para sua Majestade consertei quatro penas. O nosso diretor fica satisfeito quando há bastante penas. Ah! deve ser aquela inteligência! Está sempre calado, mas acho que examina todas as coisas na cabeça. Gostaria de saber em que ele pensa mais, o que trama naquela cabeça. Gostaria de ver mais de perto a vida desses senhores, todos esses equívocos* e coisas da Corte, como passam o tempo, o que fazem no seu meio — eis o que gostaria de saber! Pensei várias vezes em entrar em conversa com Sua Ex.^a, mas o diabo da língua não obedece: dá pra dizer apenas se na rua está fazendo calor ou frio, e só. Gostaria de dar uma olhadinha na sala de jantar, onde se vê apenas vez por outra a porta aberta, e ainda num quarto que fica depois da sala de jantar. Eta riqueza de decoração! Espelho e porcelana tá ali! Gostaria de dar uma olhadinha naquela metade onde fica ela, S. M., é lá mesmo que gostaria de... Olhar o toucador, ver todos esses potinhos, frasquinhos, aquelas flores sobre as quais dá até medo respirar, o vestido dela todo esparramado, parecendo mais com o ar do que com um vestido. Gostaria de dar uma olhada

* *Ekivoki*, no original (N. do T.).

no quarto de dormir... eu acho que é lá que estão as verdadeiras maravilhas, eu acho que é lá que existe aquele paraíso que não há nem no céu. Ver o banquinho onde ela bota a perninha quando se levanta, vê-la enfiando no pezinho aquela meinha branca como a neve... ai que maravilha! Mas não tem nada não, tem nada não... fico calado.

Mas hoje foi como se uma luz me tivesse iluminado: lembrei-me daquela conversa entre as duas cadelinhas que ouvi na Avenida Nevsky. “Está bem — pensei cá comigo. — Agora vou ficar sabendo de tudo. Preciso me apoderar da correspondência dessas cadelas ordinárias. Nela encontrarei sem falta alguma coisa.” Confesso que uma vez chamei Medji e lhe disse:

— Escuta aqui, Medji, nós agora estamos a sós. Quando quiseres eu posso fechar a porta, de sorte que ninguém verá nada: conta-me tudo o que sabes sobre a senhorita, como é ela e como vive.

Mas a astuta da cadela meteu o rabo entre as pernas, encolheu-se toda e saiu devagarzinho na direção da porta como se nada tivesse ouvido. Há muito tempo eu vinha desconfiando de que o cão é bem mais inteligente do que o homem; eu estava até certo de que ele era capaz de falar, que escondia apenas certa teimosia. O cão é um político extraordinário; percebe tudo, todos os passos do homem. Não, custe o que custar, amanhã vou mesmo à casa de Zvierkov, interrogo Fidel e, caso consiga, agarro todas as cartas que Medji lhe escreveu.

Novembro, 12

Às duas da tarde saí a fim de ver Fidel sem falta e interrogá-la. Não suporto repolho: seu cheiro se espalha por todas as tabernas da Rua Meshânskaia, e as casas soltam um bafo tão infernal que tive de tapar o nariz e correr a todo vapor. Além disso os infames dos artesãos soltam uma quantidade tão grande de fumaça e fuligem das suas oficinas que se torna completamente impossível para uma pessoa nobre passear por essas bandas. Quando cheguei ao sexto andar e to-

quei a campainha, saiu uma mocinha não lá muito feia, com sardas miúdas no rosto. Reconheci-a. Era aquela que acompanhava a velha. Ela ficou um pouco ruborescida, e eu fui logo percebendo que aquela pombinha estava a fim de um namorado.

— O que é que o senhor deseja? — perguntou-me.

— Preciso falar com a sua cadelinha.

A mocinha era uma boba! Fui logo entendendo que era uma boba. Enquanto isso a cadelinha foi cortendo para mim aos latidos; quis agarrá-la mas a miserável pôr pouco não me mordeu o nariz. Mas eu vi a sua cestinha num canto da parede. Ah, é disso que estou precisando! Cheguei-me a ela, abri na palha um buraco do tamanho de uma caixa e, experimentando uma satisfação fora do comum, retirei um pequeno pacote de papeletas. Ao ver o que eu fazia, a desgraçada da cadela inicialmente me mordeu a barriga da perna e depois, quando viu que eu tinha me apoderado dos papéis, começou a dar ganidos e fazer carícias, mas eu lhe disse: “Não adianta, queridinha, adeus!” e fui logo correndo. Acho que a mocinha pensou que eu fosse um louco, porque ficou extremamente amedrontada. Ao chegar em casa quis logo pôr mãos à obra e decifrar essas cartas, porque à luz de velas enxergo mal. Mas Maura inventou de lavar o chão. Essas bobas dessas finlandesas são sempre importunas de tão limpas. Por isso saí a caminhar um pouco e pensar nesse acontecimento. Finalmente ficarei a par de todas as coisas, idéias, enfim, a par de tudo. Essas cartas vão me dizer tudo. Os cães são uma gente inteligente, conhecem todos os assuntos políticos e por isso as cartas terão de tudo: o retrato e todos os assuntos relacionados com esse homem. Terão ainda alguma coisa sobre aquela que... não é nada não, cala-te! Ao anoitecer cheguei em casa. Passei a maior parte do tempo estirado na cama.

Novembro, 13

Bem, agora vamos ver a carta: é bastante clara. No entanto a caligrafia não deixa de ter qualquer coisa de canino. Leiamos:

Minha querida Fidel. Não há jeito para eu conseguir me acostumar ao teu nome trivial. Será que não te podiam ter arranjado um nome mais bonito? Fidel, Rosa — que tom vulgar! Mas deixemos isso pra lá. Estou muito contente por termos resolvido nos corresponder.

A carta foi escrita muito corretamente. A pontuação e inclusive certas vogais estão no seu devido lugar. É... com essa fluência não escreve nem o nosso chefe de seção, embora ele viva dizendo que andou estudando em alguma universidade. Continuemos a leitura:

Eu acho que dividir opiniões, sentimentos e impressões com outras pessoas é uma das melhores virtudes do mundo.

Ih! Essa idéia foi tirada de uma obra traduzida do alemão. O título não me ocorre.

Digo isso por experiência, embora não conheça o mundo além da porta da nossa casa. Será que não gozo a minha vida? A minha senhorita, a quem o meu pai trata por Sofia, tem loucura por mim.

Ai, ai! ...Mas não tem nada não. Cala-te.

Papai também me acaricia com muita frequência. Eu tomo chá e café com creme de leite. Ah, ma chère, devo te dizer que não vejo qualquer satisfação nos ossos grandes e roídos que o nosso Polkan come na cozinha. Os únicos ossos bons são os ossos das aves e mesmo assim quando ainda estão com tutano. É muito boa a mistura

de vários molhos, mas sem alcaparras e verdura; mas eu não conheço nada pior que o costume de dar aos cães as bolinhas de miolo de pão. Qualquer indivíduo que esteja à mesa, que andou metendo as mãos em tudo quanto é porcaria, começa a amassar o pão com essas mesmas mãos, chama a gente e nos mete entre os dentes uma bola de pão. Recusar significa certa falta de consideração e por isso a gente come: com nojo, mas come...

Historinha dos diabos! Que absurdo! Como se não tivessem assunto melhor para tratar. Vejamos a outra página. Talvez tenha algo mais interessante.

É com todo prazer que me disponho a te informar a respeito do que acontece aqui em casa. Eu já te falei alguma coisa sobre a figura principal a quem Sofia chama de papai. É um homem muito estranho.

Ah, até que enfim! Eu bem que sabia que eles tinham opinião política sobre todas as coisas. Vejamos que tipo de pessoa é o pai:

... um homem muito estranho. Passa a maior parte do tempo calado. Fala muito raramente; mas há uma semana não parava de falar sozinho: "Vou ou não vou receber?" E levava a mão a um papel, estendia a outra vazia e dizia: "Vou ou não vou receber?" Uma vez se dirigiu até a mim e perguntou: "O que é que tu achas, Medji, vou ou não vou receber?" Não consegui entender absolutamente nada, cheirei-lhe as botas e saí. Uma semana depois, ma chère, papai chegou muito contente. Passou a manhã inteira recebendo visita de certos senhores fardados que o felicitavam por alguma coisa. Almoçou com uma alegria que nunca tinha visto, contou piadas, depois do almoço

ergueu-me no colo e disse: "Olha o que eu tenho, Medji." Vi uma fita qualquer. Dei uma cheirada mas, francamente, não senti cheiro nenhum. Por fim dei uma lambidinha; era um pouco salgada.

Hum! Essa cachorrinha... acho que está exagerando demais para não ser castigada! Ah! Como ele é ambicioso! É preciso levar isso em conta.

Adeus, ma chère! Estou com muita pressa etc... etc... Amanhã termino a carta. Bom dia! Estou novamente contigo. Hoje a minha senhorita Sofia...

Ah! Vamos ver o que Sofia... Eta, canalhada! Mas não tem nada não... continuemos.

...a minha senhorita Sofia esteve hoje no maior dos alvoroços. Ia a um baile e eu fiquei contente porque na ausência dela podia te escrever. A minha Sofia sempre morre de alegria quando vai a bailes, embora quase sempre se zangue quando se veste. Eu, ma chère, não posso entender de jeito nenhum como se pode ter satisfação de ir a um baile. Sofia chega dos bailes às seis da manhã, e, pelo aspecto pálido e delgado da pobrezinha, eu quase sempre percebo que não lhe deram de comer. Confesso que eu nunca poderia viver assim. Se não me dessem molho de galinha-d'angola ou cozido de asas de galinha... não sei o que seria de mim. Gosto ainda de molho de trevo. Mas cenoura, nabo ou alcachofra, isso nunca será gostoso.

Estilo extremamente desigual. Logo se vê que não foi gente que escreveu. Começa como manda o figurino mas termina em cachorrada. Vejamos mais uma cartinha. Esta é meio longa. Ih! Está sem data!

Ah, minha querida, como eu sinto aproximar-se a primavera! Meu coração bate como se esperasse alguma coisa. Tenho um ruído constante nos ouvidos. De sorte que passo freqüentemente alguns minutos à escuta junto à porta, de pata levantada. Confesso-te que tenho muitos cortejadores. Freqüentemente eu os observo da soleira da janela. Se tu soubesses que horrorosos há entre eles! Há um cão de guarda muito patudo, terrivelmente besta; tem a palavra besteira na cara; anda pela rua todo imponente, imaginando-se uma figura preeminente, pensando que todo mundo o observa. Nada disso. Eu nem dei atenção, como se não o tivesse visto. E que terrível dogue pára diante da minha janela! Se ele se erguesse nas patas traseiras, o que o grosseiro não sabe mesmo fazer, ficaria um palmo mais alto que o pai da minha Sofia, que também é bastante alto e gordo. Esse estúpido, pelo que presumo, é um tremendo descarado. Eu rosnei para ele mas ele nem ligou. Tivesse pelo menos franzido a testa! Botou a língua de fora, levantou as enormes orelhas e ficou olhando para a janela — um mujique! Mas é impossível que tu, ma chère, possas imaginar que meu coração seja indiferente a todos os galanteios. De jeito nenhum... Se tu visses um cavalheiro chamado Trezor, que pula o muro da casa vizinha! Ah, ma chère, que focinho!

Arre, com os diabos!... Quanta bobagem!... Como é possível fazer cartas inteiras com essas besteiras? Gente é o que me interessa! Quero ver gente; exijo alimento, alimento que sacie e delicie o meu ser: mas, ao invés disso, me vêm essas bobagens... Pulemos uma página, talvez haja coisa melhor...

... Sofia cosia alguma coisa, sentada ao lado de uma pequena mesa. Eu olhava a rua pela janela, por-

que gosto de observar as pessoas que passam. De repente entrou o criado e disse — Tieptov está aí! — Mande entrar, gritou Sofia e correu a me abraçar. — Ah, Medji, Medji, Medji! Se tu soubesses de quem se trata: um cadete, moreno, e que olhos! Negros e límpidos como o fogo! E Sofia correu para o seu quarto. Ao cabo de um minuto entrou o jovem cadete, de costeletas negras: chegou-se ao espelho, ajeitou os cabelos e examinou a sala. Rosnei e me sentei no meu lugar. Sofia apareceu logo em seguida e lhe fez uma alegre reverência; e eu, como se nada tivesse vendo, continuei a olhar a rua pela janela. No entanto inclinei um pouco a cabeça para um lado e procurei escutar o que eles conversavam. Ah, ma chère, que conversa mais absurda! Falavam de uma dama que tinha feito certa figura na dança, ao invés de outra qualquer; de um tal de Bobov, que de botes ficara parecido a uma cegonha e por pouco não caíra; de que uma tal de Lídina se imaginava de olhos azuis quando na realidade tinha olhos verdes e assim por diante. E pensei comigo mesma; já pensou se fôssemos comparar o cadete com Trezor? Céus, que diferença! Em primeiro lugar, o cadete tem a cara completamente lisa e larga, rodeada por costeletas, dando a impressão de envolvida por um lenço preto; Trezor, ao contrário, tem um focinho delicado e uma mecha branca em plena testa. Nem se pode comparar a cintura de Trezor à do cadete. E os olhos, as maneiras — são muito diferentes. Oh, que diferença! Não sei o que ela pôde encontrar nesse cadete. Por que será que anda tão encantada?...

A mim me parece que aqui está havendo algum exagero. Não é possível que um cadete possa fasciná-la tanto. Vejamos mais um pouco:

Acho que, se esse cadete estiver agradando,

logo chegará o momento em que até aquele funcionário que fica no gabinete do papai vai agradecer. Ah, ma chère, se tu soubesses que horroroso! Uma verdadeira tartaruga encasacada...

Que funcionário será esse?...

Ele tem um sobrenome terrivelmente estranho. Está sempre sentado, consertando penas. Os cabelos da cabeça parecem muito com palha. Papai sempre o manda aos lugares no lugar do criado...

Tenho a impressão de que a infame dessa cadela está me insinuando. Que história é essa dos meus cabelos parecidos com palha?

Sofia não consegue deter o riso quando olha para ele.

Estás mentindo, cadela miserável! Que língua vil! Como se eu não soubesse que isso é inveja. Como se eu não soubesse de onde vêm esses mexericos. São coisas do chefe da seção. Ora, ele me jurou ódio irreconciliável e aí está — me prejudicando aqui, me prejudicando ali, não pára de prejudicar. Mas vejamos mais uma carta. Nela a coisa talvez fique clara por si mesma.

Ma chère Fidel. Desculpa por ter ficado tanto tempo sem escrever. Estive em absoluto êxtase. Certo escritor disse com absoluta justeza que o amor é a segunda existência. Ademais temos atualmente grandes mudanças em casa. Agora o cadete vem aqui todos os dias. Sofia está loucamente apaixonada. Papai está muito contente. Cheguei inclusive a ouvir do nosso Gregório, o faxineiro que está quase sempre falando sozinho, que o casamento é para breve, pois papai quer porque quer ver Sofia casada com um general, um cadete ou um coronel de exército.

Diabos! não posso ler mais... É sempre um cadete ou um general. Tudo o que há de melhor no mundo fica sempre para um cadete ou um general. Você encontra uma pobre riqueza, acha que vai alcançá-la, mas aí aparece um cadete ou um general e leva tudo. Diabos! Quisera eu ser um general não para ganhar a mão dela ou outras coisas. Não; gostaria de ser um general somente para vê-los metidos em embrulhadas e fazendo essas brincadeiras e sutilezas da Corte para depois dizer-lhes que estou escarrando para os dois. Diabos. Dá nojo! Peguei as cartas da boba da cadela e rasguei-as em pedacinhos.

Dezembro, 3

Não pode ser. É conversa fiada! Não vai haver casamento! Por que ele é cadete? E daí? Isso é apenas um mérito, não algo visível que se possa apalpar. O fato de ser cadete não vai lhe acrescentar um terceiro olho na cara. Ora, o nariz dele não é de ouro, é igual ao meu e ao de todo mundo; com o nariz ele cheira, não come, espirra e não tosse. Eu já procurei várias vezes entender o porquê dessas diferenças. Por que cargas d'água eu sou conselheiro titular e quem inventou esse negócio de eu ser conselheiro titular? Talvez eu seja um conde ou um general qualquer, apenas parecendo conselheiro titular? Talvez eu mesmo não saiba quem sou. Ora, quantos exemplos nos dá a história: uma pessoa modesta, já não digo um nobre, simplesmente uma pessoa qualquer da classe média ou camponês e de repente se descobre que se trata de uma grande figura e às vezes até de um soberano. Se do meio dos mujiques saem às vezes figuras desse tipo, que dizer então do meio nobre? E se de repente eu apareço em uniforme de general: dragona no ombro direito, dragona no ombro esquerdo, uma fita azul sobre o ombro — hem? Aí eu quero ver com que cara ela vai ficar! Aí eu quero ver o que dirá o papai, nosso diretor! Oh, esse é um grande ambicioso! Um maçom, um indiscutível maçom; embora finja ser isso ou aquilo, eu logo per-

cebi que era maçom: se ele dá a mão a alguém, estira apenas dois dedos. Eu por acaso não posso ser agora mesmo promovido a governador-geral, intendente ou a outro título qualquer? Eu só queria saber uma coisa: por que eu sou conselheiro titular? Por que logo conselheiro titular?

Dezembro, 5

Passei toda a manhã lendo jornais. Coisas estranhas estão acontecendo na Espanha⁶. Nem cheguei a entendê-las direito. Escrevem que o trono está vazio e os altos funcionários em dificuldades para escolher o herdeiro, o que está provocando revoltas. Isso me parece estranho demais. Como é que o trono pode estar vago? Dizem que uma certa mulher deve subir ao trono. Mulher não pode subir ao trono. De jeito nenhum. Quem deve ocupar o trono é o rei. É, mas dizem que está faltando rei. — É impossível que não haja rei. O Estado não pode passar sem o rei. O rei existe, só que anda oculto em algum lugar. É bem provável que ele esteja lá mesmo, mas alguns motivos familiares ou temores diante de potências vizinhas — a França e outros países — o obriguem a ocultar-se. Ou talvez haja outros motivos.

Dezembro, 8

Eu já estava quase querendo ir ao departamento, mas diversos motivos e meditações me retiveram. Não havia como tirar da cabeça as notícias da Espanha. Como é que uma mu-

⁶ Trata-se dos acontecimentos que se sucederam após a morte de Fernando VII (29 de setembro de 1833). Subiu ao trono a sua filha Isabel II, de três anos de idade. Dom Carlos, irmão do rei, chefe do partido reacionário dos carlistas, contestou o direito de Isabel ao trono e se proclamou pretendente. Começou a guerra civil entre carlistas e liberais. Esperava-se intervenção da Inglaterra e da França nos assuntos espanhóis, mas ambas as partes se abstiveram.

lher pode chegar a ser rainha? Isso não vai ser permitido. A Inglaterra, em primeiro lugar, não vai permitir. Além disso há os problemas políticos de toda a Europa: o imperador da Áustria, o nosso imperador... Confesso que esses acontecimentos me deixaram tão arrasado e transtornado que passei o dia todo sem condições de me ocupar decididamente de nada. Maura observou que durante o almoço eu estive extremamente distraído. E, de fato, parece que na distração joguei dois pratos ao chão e estes se quebraram incontinenti. Depois do almoço fui às colinas⁷. Nada de instrutivo. Passei a maior parte do tempo deitado na cama, pensando nos problemas da Espanha.

Ano 2000, 43 de abril

Hoje é um dia dos mais festivos! A Espanha está de rei. Ele foi encontrado. Este rei sou eu. E só hoje é que vim ficar sabendo. Confesso que me senti como se de repente um raio me tivesse iluminado. Não entendo como pude pensar e imaginar-me conselheiro titular. Como pôde me ocorrer essa idéia maluca. Ainda bem que até hoje não deu na telha de ninguém internar-me num manicômio. Agora tudo se abre diante de mim. Agora eu vejo tudo como na palma das minhas mãos. O que havia antes não entendo, antes tudo me parecia mais ou menos nebuloso. É tudo isso, acho eu, acontece porque as pessoas imaginam que o cérebro humano está situado na cabeça; nada disso: o vento é quem o traz das bandas do Mar Cáspio. De início anunciei a Maura quem sou eu. Quando ela soube que se encontrava perante o rei de Espanha, sacudiu os braços e por pouco não morreu de medo. Ela, coitada, nunca tinha visto o rei de Espanha. Mas eu procurei acalmá-la e tentei, com palavras afáveis, assegurar-lhe a mi-

⁷ Trata-se das colinas de neve para a prática do esqui.

nha benevolência e dizer que não sentia nenhuma raiva pelo fato de ela às vezes me limpar mal as botas. É uma gente ignorante. Não podemos lhe falar de altas matérias. Ela teve medo porque acreditava que todos os reis de Espanha fossem semelhantes a Filipe II⁸. Mas eu lhe expliquei que entre mim e Filipe não há qualquer semelhança e que eu não tenho nenhum capuchinho... Não fui ao departamento. Que fique com o diabo! Não, meus caros, agora vocês não me pegam mais; não vou mais copiar os seus papéis nojentos!

Martubro, dia 86
Entre o dia e a noite

Hoje apareceu o nosso administrador dizendo que fosse ao departamento, porque já fazia mais de três semanas que eu não exercia as minhas funções. Fui ao departamento a fim de pregar uma peça. O chefe da seção pensava que eu fosse lhe fazer reverência, pedir desculpas; mas olhei para ele com indiferença, não com muita ira nem com muita benevolência, e me sentei no meu lugar como se não estivesse vendo ninguém. Fiquei olhando para toda a canalha da chancelaria e pensando: "Soubessem vocês quem está aqui... Céus! Seria um deus-nos-acuda, e o próprio chefe da seção começaria a fazer reverência diante de mim da mesma forma que atualmente o faz diante do diretor." Colocaram certos papéis na minha mesa para que eu fizesse um extrato. Mas eu não movi um dedo. Passados alguns minutos começou o corre-corre. Disseram que o diretor estava chegando. Muitos funcionários correram aos encontrões a fim de aparecerem diante dele. Mas eu nem me mexi. Quando ele passou pela nossa seção todos abotoaram os seus fraques; mas eu não liguei a mínima atenção! Qual diretor qual nada! Eu me levantar diante dele! Nun-

⁸ Filipe II (1527-1598) - rei de Espanha, famoso por sua ferocidade.

ca! Que diretor é ele? É uma rolha* e não um diretor. Uma rolha comum, uma simples rolha e nada mais. Dessas de tampar garrafa. O que achei mais engraçado foi quando me trouxeram um papel para assinar. Pensavam que eu ia assinar bem embaixo da folha: chefe de despacho, como não assinar? Mas eu peguei e, no lugar mais importante em que assina o diretor do departamento, assinei: "Fernando VIII." Era preciso ver que silêncio reverente reinou. Mas eu apenas fiz sinal com a mão, dizendo: "Nada de vassalagem!" — e saí. E fui diretamente à casa do diretor. Ele não estava. O criado não queria deixar-me entrar, mas eu lhe disse uma que ele ficou boquiaberto. Fui direto ao toucador. Ela estava diante do espelho, deu um salto e afastou-se de mim. Eu, entretanto, não lhe disse que era o rei de Espanha. Disse apenas que ela tinha pela frente uma felicidade que nem podia imaginar e que, apesar das intrigas dos inimigos, nós iríamos viver juntos. Não tive vontade de dizer mais nada e saí. Oh, que ser pérfido é a mulher! Só agora pude entender o que é a mulher. Até hoje ninguém sabia por quem ela está apaixonada: eu fui o primeiro a descobri-lo. A mulher está apaixonada pelo diabo. Não estou brincando não. Os físicos escrevem bobagens, dizendo que é isso, que é aquilo — mas ela só gosta do diabo. Vejam-na olhando de luneta do camarote da primeira galeria. Vocês pensam que ela está olhando para esse gorducho da estrela! De jeito nenhum; está olhando para o diabo que está atrás dele. Vejam, ele se escondeu na estrela do gorducho. Vejam-no fazendo sinal com o dedo para ela! E ela vai se casar com ele. Vai. Olhem para todos esses funcionários, seus pais, todos esses que andam velhaqueando a torto e a direito e lambem a Corte dizendo que são patriotas, e isso, e aquilo — o que eles querem é renda, renda é o que querem esses patriotas! Por dinheiro vendem o pai e a mãe, Deus... esses ambiciosos, judas! Toda essa ambição e mais ambição vem de uma bolha que têm debaixo da língua com um vermezinho do tamanho da cabeça de um al-

* Existe em russo a expressão "bobo como uma rolha" (N. do T.).

finete, tudo feito por um certo barbeiro que mora na Rua Garókhovaia. Não me lembro como se chama; mas todo mundo sabe que ele e uma parteira querem percorrer o mundo todo e difundir o maometismo; por isso já andam dizendo que a maioria do povo francês já se converteu à religião de Maomé.

*Um dia qualquer
O dia não tinha data*

Andei incógnito pela Avenida Nevski. Passava o soberano imperador. Toda a cidade tirou o chapéu e eu também; no entanto não deixei aparentar que sou o rei de Espanha. Achei inconveniente declarar-me ali, na presença de todos, porque o meu augusto colega certamente perguntaria por que o rei de Espanha até agora não se havia apresentado à Corte. De fato, preciso antes me apresentar à Corte. Só me detive pelo fato de até hoje eu ainda não possuir traje real. Se arranjasse pelo menos alguma púrpura. Tive vontade de encomendar a um alfaiate mas são todos uns verdadeiros burros, não têm o mínimo cuidado pelo trabalho, meteram-se em trapanças e passam a maior parte do tempo calçando as ruas com pedras. Resolvi fazer uma púrpura do meu uniforme novo, que vesti apenas duas vezes. Mas, para evitar que esses miseráveis possam estragá-lo, resolvi eu mesmo costurá-lo e fechei bem a porta para que ninguém visse. Cortei-o todo à tesoura porque era preciso refazê-lo por completo e dar a todo o pano uma aparência de cauda de arminho.

*O dia não me lembro. Mês também não havia
Havia o diabo sabe o quê*

A púrpura está inteiramente pronta e costurada. Maura deu um grito quando eu a pus. No entanto eu ainda não ou-

so apresentar-me à Corte. Até agora não chegou a deputação da Espanha. Sem deputados não é conveniente. Minha dignidade ficará sem qualquer efeito. Estou aguardando-os de uma hora para outra.

Dia 1.º

Sinto-me apreensivo com a extrema lentidão dos deputados. Que motivos poderiam retê-los? Será a França? Aliás ela é o país que mais cria empecilhos. Fui ao correio saber se não haviam chegado os deputados espanhóis. Mas o diretor dos correios é bobo fora da conta, não sabe de nada: não, disse, aqui não há nenhum deputado espanhol e, se o senhor quiser mandar alguma carta, nós despachamos de acordo com o curso oficial. — Diabos! Carta para quê? Carta é absurdo. Carta é coisa de farmacêuticos...

Madri, 30 de fevereiro

Eis-me então na Espanha. Isso aconteceu com tanta rapidez que quase não me dei conta. Hoje pela manhã apareceram-me os deputados espanhóis e tomei a carruagem com eles. Pareceu-me estranha a velocidade incomum. Viajamos com tanta rapidez que em meia hora chegamos à fronteira espanhola. Aliás todas as estradas da Europa são atualmente de ferro, e os navios andam a uma velocidade extraordinária. País esquisito essa Espanha: quando entramos na primeira sala, eu vi uma infinidade de pessoas de cabeça raspada. Mas eu notei que deviam ser dominicanos ou capuchinhos, porque eles raspam a cabeça. Pareceram-me demasiado esquisitos os modos do chanceler do Estado, que me conduziu pela mão; empurrou-me para dentro de um pequeno quarto e disse: “Fica aí sentado e, se disseres que és o Rei Fernando, eu acabo com essa

tua vontade.” Mas eu, sabendo que isso não passava de tentação, respondi negativamente, pelo que o chanceler me bateu duas vezes com o bastão nas costas e doeu tanto que quase cheguei a gritar, porém me contive quando me lembrei que se tratava de um costume dos tempos da cavalaria aplicado a pessoas que assumem altos postos e que esses costumes ainda vigoram na Espanha até hoje. Depois que fiquei só resolvi me dedicar a assuntos de Estado. Descobri que a China e a Espanha são exatamente o mesmo território e só por ignorância são considerados estados diferentes. Aconselho a todos escreverem num papel a palavra Espanha para ver como vai sair China. Porém fiquei muito constrangido com o acontecimento que se realizará amanhã. Amanhã às sete da manhã acontecerá um fenômeno esquisito: a Terra pousará na Lua. O famoso químico inglês Wellington também escreveu sobre isso. Confesso que senti perturbação cardíaca quando imaginei a suavidade incomum e a insólida da Lua. Ora, a Lua é feita habitualmente em Hamburgo; e muito mal feita. Fico apreensivo como a Inglaterra não dá atenção a isso. É um toneleiro que a faz e logo se vê que o idiota não tem qualquer idéia do que seja a Lua. Botou uma corda alcatroada e uma porção de óleo de madeira; e ei-la terrível por sobre toda a Terra, fazendo as pessoas taparem o nariz. É por ser a Lua uma bola tão macia é que as pessoas não encontram jeito para viver, e lá só narizes vivem atualmente. E é por isso que nós mesmos não podemos ver os nossos narizes, pois todos eles estão na Lua. E, quando imaginei que a Terra é uma matéria pesada e, pousando na Lua, podia esmagar os nossos narizes, senti-me invadido por tal intranqüilidade que, calçando meias e sapatos, saí às pressas para a sala do conselho de Estado, a fim de ordenar à polícia não permitir à Terra pousar na Lua. Os capuchinhos, que encontrei em grande número na sala do conselho de Estado, eram pessoas muito inteligentes e quando eu disse: “Senhores, salvemos a Lua, porque a Terra quer pousar sobre ela,” todos começaram no mesmo instante a pôr em execução a minha vontade real; muitos deles subiram na parede a fim de pegar a Lua com a mão; mais nesse momento entrou o grande chanceler. Ao vê-lo, todos correram. Eu, como rei, fiquei só. Mas para a minha surpresa o chanceler me golpeou com o bas-

tão e me obrigou a ir para o quarto. São muito poderosos os costumes populares na Espanha!

*Janeiro do mesmo ano, que
veio depois de fevereiro*

Até hoje não consigo entender que classe de país é a Espanha. Os costumes populares e as etiquetas são absolutamente fora do comum. Não entendo, não entendo, não entendo decididamente nada. Hoje me raspavam a cabeça, embora eu gritasse com todas as forças que não queria ser frade. Mas eu não posso mas nem me lembrar do que me passou quando começaram a pingar água fria na minha cabeça. Inferno como esse nunca tinha experimentado. E estava a ponto de ter um ataque de fúria, de sorte que a muito custo conseguiram me conter. Não entendo em absoluto o significado desse terrível costume. Um costume bobo, absurdo! Para mim é inconcebível a imprudência dos reis que até agora não acabaram com ele. A julgar por todas as probabilidades, fico a suspeitar: talvez eu tenha caído nas mãos da inquisição e aquele que tomei por chanceler talvez seja o inquisidor-mor. Só que continuo a não entender como pôde o rei submeter-se à inquisição. Isso podia acontecer por parte da França e principalmente de Polignac⁹. Oh, essa besta desse Polignac! Jurou me criar problema até a morte. E eis que não pára de me perseguir; mas eu sei, meu caro, que você está sendo orientado pelo ingleses. Os ingleses são grandes políticos. Andam com suas artimanhas em toda parte. Todo o mundo sabe que, quando a Inglaterra cheira tabaco, a França já está espirrando.

⁹ Jules Armand Polignac (1780-1847), político reacionário francês, ministro de Carlos X, deposto pela revolução de julho de 1830.

Hoje o inquisidor-mor veio ao meu quarto. Porém, ouvindo de longe os seus passos, eu me escondi debaixo duma cadeira. Vendo que eu não estava, ele começou a me chamar. De início gritou: — Popríshin! — e eu calado. — Akcênti, Ivânov! Conselheiro titular! Fidalgo! — e eu calado. — Fernando VIII, rei de Espanha! — Quis botar a cabeça de fora mas pensei: “Ah, não, meu caro, nessa eu não caio! Eu te conheço: vais querer jogar novamente água fria na minha cabeça.” Mas ele me viu e me tirou a pau de debaixo da cadeira. O maldito do bastão dói demais. Mas tudo isso me foi compensado pela descoberta que fiz: fiquei sabendo que todo galo tem uma Espanha escondida sob as penas. No entanto o inquisidor-mor deixou meu quarto enfurecido e ameaçando me castigar. Mas eu desprezei totalmente a sua fúria impotente porque sabia que ele atua como uma máquina, como um instrumento dos ingleses.

Di 34 a, Ms oan' Fevereiro 349

Não, não tenho mais forças para suportar. Meu Deus! O que é que eles estão fazendo comigo! Estão despejando água fria na minha cabeça! Não dão atenção, não me vêem, não me ouvem. Que mal eu lhes fiz? Por que me maltratam? Que querem do pobre de mim? Que lhes posso dar? Eu não tenho nada. Estou sem forças, não posso suportar todos os sofrimentos, minha cabeça arde e tudo diante de mim está rodando. Me salvem! Me levem! Me tragam uma tróica de cavalos velozes como um turbilhão! Senta-te, meu cocheiro, tilinta, minha sineta, disparem, cavalos, e me levem deste mundo! Adiante, adiante, para que não se veja nada, nada. Eis o céu em remoinhos diante de mim: uma estrela cintilando ao longe; a floresta galopando com as árvores negras e a Lua; a neblina azulada se estendendo no chão; uma corda tocando na nebli-

na; de um lado, o mar, do outro, a Itália; lá estão as isbás russas. Será a minha casa que ao longe aparece azulada? E aquela que está sentada junto à janela — será minha mãe? Mãezinha, salva o teu pobre filho! Deixa cair-lhe uma lágrima na cabeça doente! Olha como eles o maltratam! Estreita em teus braços o teu pobre filhinho! O mundo não é para ele! Perseguem-no! — Mãezinha! Tem pena de teu menino doente!... Sabiam que o rei argelino tem um galo bem debaixo do nariz?